TAQUITESTE\_95ppm

SENADOR PAULO PAIM:

Sr. Presidente, com certeza, naturalmente se Deus permitir,

amanhã virei à tribuna para advogar um reajuste maior do que duzentos e sessenta reais

para o salário mínimo.

No dia de hoje, Sr. Presidente, farei um pronunciamento sobre

a coerência do homem público.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Senadores, na vida pública muitos são

os atalhos à disposição de quem queira percorrê-los, especialmente

na direção do poder.

Mas caminho, Sr. Presidente, só existe um.

Tal como na vida de cada um de nós, trata-se de uma questão

de escolha. Optar pelos atalhos, ou pelo caminho, é que faz a

diferença.

A opção que fiz é a marca de minha vida. Minha origem é bem

mais do que simples circunstância primeira de vida. Sendo verdade,

Sr. Presidente, como queria Ortega y Gasset, que “eu sou eu e minhas

circunstâncias”, fiz dessa origem o parâmetro essencial de minha

conduta política.

Ao fazê-lo, sei que me aprisionei à única forma de submissão

que admito para mim, como cidadão e como homem público – a de

manter intacto e inegociável o compromisso de lutar pela superação

da miséria, pelo fim das iniquidades sociais, pela eliminação de todas

as formas de discriminação e pela predominância da justiça.

Não concebo a política, Senador Mão Santa, sem atos de grandeza.

Seria por demais doloroso reduzi-la a negócios de qualquer espécie

ou à busca desenfreada pelo poder. Em ambos os casos, ainda que

providos de alguma legitimidade, a política careceria daquele sentido

mais elevado, que a dignifica e a enobrece.

Para os que se vangloriam de seu acentuado pragmatismo, isso

poderia soar como se o Paim fosse ingênuo. A esses prefiro, contudo,

a companhia da grande pensadora Hanah Arendt. Para ela, que

marcou como ninguém sua passagem pelo panorama intelectual do

século XX, ao elaborar exuberante reflexão crítica sobre a política

contemporânea, “fazer política somente se justifica como um ato de

amor à Humanidade”.

Justamente por assim ser, toda e qualquer forma de experiência

política que não tenha como norte a liberdade é, em si mesma, a

negação da própria política. Toda e qualquer forma de pensamento

único amesquinha, empobrece ou aniquila o espaço democrático.

O importante é que a força do sentimento democrático venceu.

Como não se cansava de dizer a valorosa guerreira socialista espanhola

Dolores Ibarra, La Pasionaria, os donos da verdade de todos os matizes

tentariam passar. Como passarão, garante poeticamente o gaúcho

Mário Quintana, os que teimam em “atravancar” esta caminhada, a

da liberdade.

Sr. Presidente, Sras e Srs. Senadores, também não concebo a

política sem princípios e valores. Pautei toda minha trajetória de homem

público pela obediência aos ideais de que me nutro. Do início aos dias

de hoje, não foi outra coisa o que busquei fazer, dia após dia, sem

qualquer forma de concessão que pudesse levar a algum desvio.

Tendo como fim a edificação, talvez...